

BOLETIM DAS VII JORNADAS SEÇÃO LESTE-OESTE DA EBP

ESCOMBROS

#03



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste

EDITORIAL

AS ESTÉTICAS DO BELO, DO PASSE, DE *LALÍNGUA* E DO RISO

FÁBIO PAES BARRETO

(EBP/AMP)

O fio condutor do Boletim deste mês é o texto institucional do Diretor Geral da EBP/Seção Leste-Oeste, Alberto Murta, a quem agradecemos vivamente o aceite para discorrer sobre um tema oportuno e, ao mesmo, complexo. Provocado pelo axioma lacaniano “o belo é a última barreira contra o horror”, Alberto acolhe o desafio e produz um texto primoroso e elucidador, que conversa com Freud e Lacan, navega pelas águas turbulentas do circuito pulsional, faz um sobrevoo pela dialética do desejo, e nos interroga se o passe é “uma solução ao im-passe do gozo em jogo”.

Escombros#3 também publica as linhas que a Presidente da EBP/Seção Leste-Oeste, Ordália Alves Junqueira (EBP/AMP), escreve com propriedade, à guisa de apresentação de Jésus Santiago, AE (2013 a 2015), AME (EBP/AMP). Ordália situa os participantes das VII Jornadas, em Campo Grande, sobre o percurso do convidado especial, localizando sua transmissão como AME e sua experiência no testemunho do Passe na justa medida para o tema do evento, “A Psicanálise e a Estética do Real”.

No Podcast Escombros, seguimos com o Episódio 3, Regina Cheli Prati (MS) entrevistando Fernando Reis (EBP/AMP) sobre o Ponto Norteador 3- “A Escola de Lacan: O Real na formação do analista”.

Para a série de vídeos *O Analista na Cidade*, Helen da Costa Guerra (MS) e Maria Clara Serles Farias (MS) proseiam sobre o exuberante BioParque Pantanal. Projetada pelo célebre arquiteto Ruy Othake, a obra ocupa um espaço monumental de 19 mil metros quadrados nos altos da Avenida Afonso Pena, em Campo Grande. O maior aquário de água doce do planeta abriga mais de 40.000 animais de cerca de 450 espécies diferentes. Embora o foco principal seja a fauna do Pantanal, existem tanques que replicam ecossistemas da Amazônia, além de rios da África, Ásia, América do Norte e Europa.

Para os compassos musicais do boletim deste mês, evocamos Lacan, para quem o humor e o riso não são meras distrações. É nos interstícios dos neologismos, das homofonias, das aliteraões e das assonâncias que se revela o Real das verdades mentirosas. Fazer-se tolo de um Real é rir de si mesmo e alegrar-se ao descortiná-lo. O riso advém quando o inesperado de *la-língua* subverte o senso comum e a mensagem imprevista viola a lógica ordinária da linguagem.

É sob o viés dessa comédia dos equívocos que a discografia do grupo *Língua de Trapo* surge como um divã escrachado. O saudoso músico campo-grandense Lizoel Costa foi um dos fundadores da banda, que fez parte da Vanguarda Paulistana dos anos 1980. Sob a estética do riso, Língua de Trapo desnuda os sintomas que operam tanto no âmbito privado do sexo quanto no palco coletivo da política — este último ainda mais inflamado pela proximidade das eleições gerais. *Escombros#3* recolhe três pérolas do grupo:

A *canzoneta* melodramática *Concheta* é cantada num sotaque caricato “íalo-paulistano”, onde o flerte está enfronhado numa *sbornia* e festim gastronômico desregrados. Nos embaraços entre os sexos e seus corpos, não há relação, há apenas os restos dos imbróglios intestinais...

O samba de breque *Ouriço da Vila* constrói uma refinada sátira sobre a intelectualização. A incursão pelos bares da Vila Madalena ironiza a “inteligência” local. E a “metralhadora giratória” do samba dispara contra a enxurrada de citações e referências acadêmicas e artísticas (como Freud, Proust, Joyce ou Baudelaire), despejada pelos frequentadores. Esteticamente, a genialidade está justamente na estrutura do “breque”: as interrupções abruptas no arranjo funcionam como o corte analítico, fraturando o discurso linear da (pseudo)erudição – pletórica e canhestra – para fazer emergir, através do riso, a verdade cômica da palavra vazia.

Por fim, a menos de um mês das eleições gerais, o mal-estar escandese do amor e dos corpos à política, no iê-iê-iê brega de *Burrice Precoce*, cuja inspiração vem diretamente dos tempos turbulentos da Jovem Guarda. Mais do que falta de cognição, a paixão do Ser pela ignorância é o desejo em “não saber”. Diante do teatro e estelionato eleitoral, o sujeito apressa-se em adotar a cegueira como posição subjetiva, renunciando ao ceticismo histórico para gozar da farsa das promessas messiânicas. Entre o engano do lençol, o

nó na tripa e o palanque, o falasser prefere a celeridade da ilusão ao desamparo do Real.

Lembramos que aqueles que ainda não o fizeram, está em tempo para as inscrições e envio de trabalhos para as VII Jornadas da EBP/Leste-Oeste “A Psicanálise e a estética do Real”!

ESCOMBRO

Alberto Murta

(AME EBP/AMP)

Qual é a segunda barreira? Já lhes anuncio, e isso parecer-lhes-á completamente natural uma vez que lhes terei dito, mas, afinal, não é tão evidente assim. Trata-se de um domínio quanto ao qual Freud foi extremamente reservado, e é verdadeiramente curioso que ele não o tenha identificado. A verdadeira barreira que detém o sujeito diante do campo inominável do desejo radical uma vez que é campo da destruição absoluta, da destruição para além da putrefação, é o fenômeno estético propriamente dito uma vez que é identificável com a experiência do belo – o belo em seu brilho resplandecente, esse belo do qual disseram que é o esplendor da verdade.¹

É uma citação que aparece no livro 7 sobre a Ética da Psicanálise, e quero agradecer ao Fábio Paes Barreto por me indicar em querer comentá-la. Cabe notar que por esta citação Lacan faz alusão ao desejo radical na sua articulação ao fenômeno estético e ao belo. Será que podemos fazer valer nela algo que denuncia a experiência do fim de análise? Ora, ainda visitamos a ética na sua relação com Psicanálise. Fala-se aí de um outro campo desejante, o campo da destruição absoluta. Como resgatar o belo como fenômeno estético?

1 LACAN, J. O seminário, livro 7: a ética da psicanálise [1959-60]. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, 259-260.

O coordenador das sétimas jornadas, Ary Farias, faz referência ao nosso título: “A psicanálise e a estética do Real”. O brilho do belo como uma das funções da estética entra em jogo nesse título. O nosso coordenador, mediante o seu argumento, define a resplandecência do Belo como ruptura à “cosmetologia”, uma cisão em querer tamponar o Real lacaniano. Parece-me que o surgimento de um dos riscos atuais que se apresentam no debate que presentifica a estética brota nesse contexto. Como promover uma ruptura? O argumento do Coordenador indo além disso sugere um Lacan que vai além do simbólico. O real do gozo não se captura pela via do simbólico. Sendo assim, como abordá-lo?

É verdade que entramos no livro 7, sem saber se sairíamos do circuito pulsional. Se Lacan cita a reserva freudiana ao abordar o desejo radical e articulá-lo ao fenômeno estético do belo é para nos lançar numa outra perspectiva teórica. Jacques-Alain Miller chega a nos dizer que Freud fica ainda no complexo de Édipo quando permanece na teoria das pulsões. “Dito de outro modo, a teoria freudiana das pulsões é edipiana, de ponta a ponta, ao passo que a teoria lacaniana do gozo responde ao regime do *nãotodo*.”²

Do outro lado, temos que ir além na história da arte e da pintura que enfatiza nela as ruínas do simbólico querendo apreender o gozo *real*. Como assim a pintura? Recentemente, numa virada histórica de Freud, Gérard Wajcman, no seu artigo “Atentado contra Narciso”³, sinaliza algo na pintura que rompe com a civilização das imagens do belo. Nesse artigo, aparece a pintura subversiva de Picasso: *Les Demoiselles d'Avignon*. As mulheres que emergem aí se encontram desfiguradas, quase seminuas.

Retomo ainda o comentário da citação lacaniana. Nós não podemos deixar no esquecimento que se trata de uma citação presente no livro 7. O Dr. Lacan visava fazer uma apologia ao desejo. É ele destruidor? Será que a radicalidade desejante vai além do sentido da vida? Sim, não é fácil lidar com o alcance do desejo. Sim, surge nele algo que jamais pode ser barrado. Por mais que Lacan se sirva de Freud nesta citação, ele introduz o belo como fazendo um certo limite, como edificando uma certa barreira. Parece-me que o ensino de Lacan vai além do belo quando o analisando, reiterando, emerge enquanto analista e, por sua vez, permite o gozo *real* surgir. A clínica contemporânea da Psicanálise vai além da travessia da fantasia. A fantasia alimenta essa impotência na medida em que ela faz do imaginário que se encontra ligado ao grande Outro, parceiro do sintoma. Não há eliminação de uma queixa quando ficamos nessa dimensão fantasmagórica.

Será que o Passe não se inscreve como uma solução ao gozo *real* na formação do Analista? É o passe uma solução ao *im-passe* do gozo em jogo?

2 MILLER, J.-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 212

3 Wajcman, G. *Atentat contre Narcisisme. La Cause du Désir: Revue de Psychanalyse*, Paris, n. 122, p. 29-34, 2026.

Na parte que cabe a Jacques-Alain Miller, o que é impossível a ser suportado? Ora, o impossível a ser suportado diz respeito à entrada em análise, quando ocorre uma espécie de sacudir as defesas do sujeito. Esse agitar algo bruscamente, de um lado para o outro, para cima e para baixo, em direções variadas, faz com que o sujeito em questão perca sua forma de estar no mundo. No fundo, essa conjuntura impele que o sujeito demande uma análise. Esse *nada querer saber* inerente à via pulsional, sem que o sujeito que demandou uma análise saiba, de uma maneira ou outra, faz valer o gozo *real* em jogo.

A abertura engendrada pela travessia da fantasia deixa um saber acumulado além da miragem da verdade, segundo Jacques Lacan. O passe encontra-se apto quando brota vestígios como marcas que virão enquadrar o futuro sujeito. Essa indelebilidade, fazendo-se S_1 no termo da caminhada de uma experiência de análise, engendrará no *fallasser* o porquê de uma história que teria sido construída em uma análise se desvelar e, com isso, a repetição dessa marca inerente a esse momento. Entramos aqui no encontro do fim como início de um processo. Entramos numa certa zona que podemos chamá-la de ficção. Como sair dessa ficção? Contrariamente às ideias reiteradamente veiculadas nos meios de comunicação, a Psicanálise tem o seu alcance não se limitando a uma modalidade de escuta.

Parece-me que o passe orientado pelo *sinthome* nos permite apreender o real do gozo em jogo na formação dos analistas. Nessa chegada à experiência do fim analítico, os Analistas da Escola procurarão testemunhar algo deixado pelas marcas do trauma. Afinal, depois de terminar, o que podemos ainda dizer como consequência? Testemunhar algo dessas marcas ou de como elas se serviam, até então, como o *impossível a suportar*.

Quero terminar fazendo um equívoco com o significante estético, da Estética à *estética*. Coloco no significante estético uma ética no final dele. Quando Lacan se serve do significante estético no livro 7, ele nos reenvia ao campo da moral transformada em Ética inerente à Psicanálise.

QUE TREM É ESSE, JÉSUSS?

ORDÁLIA ALVES JUNQUEIRA
(EBP/AMP)

Para Miller, sem fazer disso um dever, sem assumir o papel do supereu, Lacan queria que, depois do passe, houvesse uma preocupação com a Escola. Nessa perspectiva, decido extrair uma fatia do testemunho de passe de nosso ilustre convidado mineiro Jéssus Santiago.⁴ Uma “apresentação”, pode-se dizer assim, e uma tentativa de apontar como o testemunho de uma *experiência de análise* – aqui de Jéssus – podem indicar algo das Jornadas deste ano (2026), que se propõem a seguir no trilho *da psicanálise e da estética do real*. Considerando que a história de uma análise parece se esquematizar por meio de três elementos mais ou menos articulados – *romance familiar, sintomas e interpretação* –, em minha leitura, como um *trem* em movimento com esses três vagões, convido o leitor a seguir viagem nesse *trem* singular, com uma questão bem *mineira*: **que trem é esse, Jéssus?**

O nome, o oco e a fonação (por Jéssus Santiago)

No início de minha experiência de análise feita em outra língua, sou surpreendido com a questão: Por que você se chama Jéssus? Nunca havia tratado de meu nome próprio, antes, ou seja, na experiência anterior de análise, embora na infância e, ocasionalmente no restante de minha vida, este fora fonte de in-

cômodo e vergonha. Durante minha estadia na França, por uma causalidade própria da dispersão das línguas, o nome do Salvador dos cristãos é grafado tal como o meu nome próprio – com acento agudo na letra “e”. Assim, nesse país, passei a ser chamado de Jesus.

O nome e seu complemento

A missão heroica de salvar o pai, que esse nome carrega, será posta à prova para o sujeito apenas nos últimos momentos de vida do pai. Filho caçula e temporão, de uma prole de cinco, não cogitava a possibilidade de acompanhar meu pai, em uma internação hospitalar. Diante do agravamento repentino de seu quadro de saúde, minha mãe solicita-me cuidar dele, naquele que seria o seu último dia. Durante a madrugada, em sofrimento, meu pai suplica-me: “Filho, dê-me a mão”. Atendo a seu pedido, mas imediatamente sou tomado por um sono incontrollável e adormecendo, sua mão me escapa. Passados alguns minutos, sou despertado novamente com o mesmo clamor, atendo, adormeço e, no transcurso da noite, esta sequência se repete inúmeras vezes.

Ao amanhecer, o primogênito assume o posto de acompanhante e retorna para casa. Mal adormeço, sou despertado com o anúncio de seu falecimento. O impacto deixa-me paralisado por alguns segundos: durante aquela noite, em nenhum momento, cogitei a morte iminente de meu pai. Em seguida, sou tomado por intensa angústia, e pela ideia atormentadora de que poderia vir a ficar deprimido e doente como ele. Eis o que me impulsiona para o meu primeiro tratamento analítico, que durou seis anos.

A questão colocada pelo segundo e último analista nas entrevistas preliminares, sobre o nome próprio, faz eclodir o mesmo quadro de angústia experimentado antes. No trabalho da cadeia associativa, o fracasso da missão salvadora levará à explicitar o lugar de objeto sacrificial do sujeito para o pai, lugar certamente determinado pelo ato de sua nomeação.

De fato, meu pai queria registrar-me com o nome Jesus. O tabelião, em conformidade com a tradição nominativa da cultura brasileira, o interdita e exige o acento agudo na letra “e”. De Jesus à Jésus, o uso do sinal diacrítico, necessário à diferenciação com o Salvador, modaliza, no nome, o uso da voz sobre o som, mas não elimina o que se tentou suprimir, pois Jésus remete a Jesus. No meu caso, com efeito, o complemento do nome se confunde com o seu lado impronunciável⁵. O ato do tabelião também incide, em certa medida, sobre o desejo da mãe, o que distancia a criança do lugar de objeto do sacrifício.

Pode-se dizer que a criança é salva pelo tensionamento entre Jésus/Jesus, ou seja, por uma diferença fônica, que, para o sujeito, instala o Salvador no lugar infinito, dotando-o da marca do impossível. A problemática

5 Miller, J.-A. Lacan com Joyce [1996]. In: *Correio. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. SP, 2000, abril, nº 65, p. 39. “Há algo no nome próprio que sempre convoca um complemento. Ele nunca é suficientemente próprio”.

do nome-próprio e de sua fonação reafirma-se pelo modo como o analista convida o analisante a passar ao divã. Sem dizer uma palavra, valendo-se apenas de seu corpo, barra-me o acesso à poltrona e com os dois braços abertos, pantomima do Cristo crucificado, indica-me o divã. [...]

Convido o leitor, então, a seguir viagem no Boletim ESCOMBROS #04, com nosso convidado Jésus Santiago. Por enquanto, ainda deixo a questão: **Que trem é esse, Jésus?**

Aproveito para convidá-lo à escrita de seu texto; ainda dá tempo, pois poderá ser enviado à comissão científica até o dia 07/09. E, também, reforço a chamada para fazer sua inscrição para participar das VII Jornadas, presencial em Campo Grande/MS ou on-line.

As instruções virão a seguir. Se animem!



Helen Costa Guerra e Maria Clara Serles Farias convidam para nos deixar afetar pelo novo e inédito: O BioParque Pantanal



Crédito: Comissão de Acolhimento
-Local: BioParque Pantanal
Entrevista: Helen da Costa Guerra (MS) e Maria Clara Serles Farias (MS)
Imagens, produção e edição de vídeo: Caio Maciel e Gize Bessa

Comissões

COORDENAÇÃO GERAL:

- Ary Farias (EBP/AMP).

1. CIENTÍFICA:

- **Renato Vieira (EBP/AMP);**
- Carla Serles (EBP/AMP);
- Ruskaya Maia (EBP/AMP);
- Virgínia Carvalho (EBP/AMP);
- Gabriel Caixeta (MSC/EBP).

2. BOLETIM:

- **Fábio Paes Barreto (EBP/AMP);**
- Ordália Junqueira (EBP/AMP);
- Caroline Quixabeira (MSC/EBP);
- Cristina Alves (GO);
- Luana Silva (MS);
- Regina Cheli Prati (MS);
- Daiane Ribeiro Ruiz (EBP/AMP).

3. TESOURARIA:

- **Ordália Junqueira (EBP/AMP);**
- Melissa Fukuchi (BSB).

4. INFRAESTRUTURA:

- **Daiane Ribeiro Ruiz (EBP/AMP) e Isangela Lins (MS)**
- Hévila Ribeiro Ruiz (MS);
- Márcia Cristina de Campos (MS);
- Kamila Souza (MS);
- Maria Eduarda Bravalhieri (MS);
- Fernando Reis (EBP/AMP);
- Maila Rocha (GO);
- Henrique Lopes (GO);
- Juliana Melo (GO);
- Leonora Arruda Florencio (GO);
- Livia Loures (ES);

- Tiago Barbosa (BSB);
- Rozilene Martins Victor (BSB);
- Angélica Santini (BSB);
- Luisa Carvalho (TO).

5. LIVRARIA E COLETÂNEA:

- **Luciana Pedron (EBP/AMP);**
- Ana Paula Rezende (GO)
- Luana Silva (MS);
- Sheila Cordeiro (MS);
- Gleice Taciana Barbosa (MS);
- Katiuscia Kintschev (MS);
- Geanini Vieira (BSB);
- Mário Neto (GO);
- Renata Pozzatto (ES).

6. DIVULGAÇÃO E ARTE:

- **Giovanna Quaglia (EBP/AMP);**
- Fernanda Fernandes (EBP/AMP);
- Fernando Reis (EBP/AMP);
- Rafaella Cunha (EBP/AMP);
- Randra Gondouin (ES);
- Hítala Gomes (ES);
- Gabriel Caixeta (MSC/EBP);
- Melissa Fukuchi (BSB);
- Munira Barreto (BSB);
- Leandro Borges (GO);
- Letícia Rosa (MS).

7. ACOLHIMENTO:

- **Helen da Costa Guerra (MS);**
- Gize de Bessa (MS);
- Vanessa Wagna (MS);
- Luciene Ferreira (MS);
- Ana Paula Carmo (MS);
- Yana Lissandretti (MS);

VII JORNADAS SEÇÃO LESTE-OESTE DA EBP

A PSICANÁLISE E A ESTÉTICA DO REAL

INSCRIÇÕES:



 CAMPO GRANDE - MS
Auditório INSTED

 9 e 10 de outubro

 Inscrições via Sympla

Convidado:
Jésus Santiago
(AME EBP/AMP)



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste